

EDUCAÇÃO BIMODAL: APRENDER COMO AÇÃO DIALÓGICA PARA A LIBERDADE E A CONSCIÊNCIA

Suely Scherer

suely@unerj.br / susche@netuno.com.br

**Centro Universitário de Jaraguá do Sul – UNERJ
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP**

Introdução

Neste artigo é abordado o movimento dialógico, como movimento necessário em uma proposta de Educação Bimodal. A Educação Bimodal é uma proposta de educação em que alunos e professores ensinam e aprendem em dois espaços de forma articulada, o espaço presencial e o espaço de educação a distância. O que se busca na Educação Bimodal é educar, usando espaços de comunicação presencial, e espaços de comunicação a distância (ambientes virtuais, vídeos, material impresso,...). Neste sentido, uma proposta de Educação Bimodal é uma proposta de educação, e quando falamos em educação, independente de espaços, é essencial a pensarmos como uma ação dialógica para a liberdade e a consciência.

1. A Educação Dialógica

Em uma educação dialógica e livre, ao ensinar, podemos aprender e ao aprender podemos ensinar, ou seja, somos educadores-educandos e educandos-educadores. Na educação antidialógica, o educador ou educadora, ensina sem diálogo ou liberdade, de forma descompromissada, repetitiva, reprodutiva, vazia de reflexões e análise; o professor ou professora é um “dador de aula”, preocupado em copiar o que já existe disponível na sociedade, para transmitir para o aluno ou aluna, que deve repetir o que ouviu ou copiou. Para esse professor ou professora, aprender é repetir

o que foi ouvido ou lido, sendo que o aluno ou aluna deve se adaptar ao que é oferecido, ao que é pronto e acabado.

Ao apenas transmitir informações, massificando a educação, o professor ou professora está, nas palavras de Paulo Freire, desenraizando e destemporalizando o educando, acomodando-o e ajustando ao que “é”, suprimindo a sua liberdade e desprezando a sua capacidade criadora, tornando-o um ser de contato. Eu diria que o professor ou professora está contribuindo para que o aluno ou aluna seja um visitante ou transeunte do espaço de aprendizagem nas instituições educacionais.

Os visitantes são aqueles alunos(as) e professores(as) que participam do ambiente de aprendizagem com a intenção de visitar. Os visitantes participaram apenas para observar o que estava acontecendo, sem se co-responsabilizar com os espaços de aprendizagem, com o outro, ou com a produção coletiva. Alguns deles chegam a colaborar, mas sem chegar a cooperar com o grupo, pois são parte (sentido estático, momentâneo), algumas vezes, do ambiente, não estão sendo parte do espaço de aprendizagem continuamente, eles não habitam o lugar, o conteúdo, pois são visitantes. Os transeuntes dos ambientes de aprendizagem são aqueles alunos(as) e professores(as) que passam pelo espaço de aprendizagem. Alguns entram, circulando pelos espaços, outros apenas passam. Eles são passantes, nem visitantes, e nem habitantes.

Na educação dialógica, que acontece no comprometimento, na responsabilidade com o ato de aprender e de ensinar, educamos para que todos sejam habitantes nos espaços presenciais e nos espaços de educação a distância. Os habitantes se responsabilizam pelas suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo; o habitante está sempre sendo parte (sentido dinâmico) do espaço de aprendizagem. Portanto, o encontramos sempre no ambiente, pois ele também vive lá, observando, falando, silenciando, postando mensagens, refletindo, questionando, produzindo, sugerindo, contribuindo com a história do espaço de aprendizagem, do grupo e dele. Os habitantes favorecem a educação que acontece na e pela comunicação oportuniza a aprendizagem, o conhecimento do conteúdo (que não é posse do

professor ou professora), quando este é colocado entre os sujeitos que o querem apreender ou (re) apreender, para ser investigado.

A dialogicidade é cheia de curiosidade, de inquietação. De respeito mútuo entre os sujeitos que dialogam. A dialogicidade supõe maturidade, aventura do espírito, segurança ao perguntar, seriedade na resposta. No clima de dialogicidade, o sujeito que pergunta sabe a razão por que o faz. (FREIRE, 2001c, p.80).

Em uma educação dialógica, que é evidenciada por um movimento contínuo de diálogo, reflexão para a liberdade e consciência, o educando não apenas está no mundo, mas com o mundo, é um ser de relações e não de contatos. E sendo um ser de relações, ele é reflexivo porque participa, e não reflexo por nada alterar, sendo culturalmente inconseqüente. Nesse movimento dialógico, ao refletir, apreendendo o objeto do conhecimento, educando e educador podem apreender a realidade, o mundo, tomando consciência dele.

Assim, o educando, ao tomar consciência do mundo, dos fatos, dos outros, de si mesmo, vai apreendendo a realidade e emergindo dela, sendo sujeito, único e integrado. A integração do sujeito ao mundo, o enraíza, o temporiza, o torna sujeito que cria, recria e decide a realidade. E esse movimento de emersão pode ser favorecido em diferentes momentos na Educação Bimodal, quando criam-se espaços que possibilitam o atendimento individualizado e coletivo, tanto em espaços presenciais, como em espaços como os fóruns de discussão e webfólios individuais¹, em ambientes virtuais de aprendizagem. É um movimento que torna o educando sujeito de consequência e possibilita que ele passe a existir, e não apenas viver no mundo.

Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. (FREIRE, 2001d, p.48-49).

¹ Espaço em ambiente virtual em que o educando dialoga com o professor e com ele mesmo sobre o seu processo de aprendizagem, refletindo, criando, agindo, comunicando...

Podemos fazer da educação tanto em ambientes presenciais, quanto em ambientes de educação a distância, um espaço de existir e não de apenas viver no mundo. Ao existir, estamos sendo, em nossos erros e acertos, em nossas escolhas e decisões, participamos e somos história, compreendendo-a, participamos de uma educação para a liberdade. Ao existir, habitamos os espaços, não somos apenas visitantes ou transeuntes despreocupados com os outros, com os espaços e com o mundo.

2. Aprender Como Ação Dialógica Para a Liberdade

Na educação, principalmente na EaD, participar de uma pedagogia da liberdade é massificar menos, dialogar mais, individualizar, tornando cada educando um sujeito de sua aprendizagem, contribuindo com a construção da história do mundo. Ao individualizar, sujeitizar, ao tornar cada educando um sujeito em um mundo que o torna a cada dia um “alguém-ninguém”, que não é reconhecido, apenas contabilizado, pois é transformando em número imerso à massa, nós podemos contribuir com a sua emersão e libertação. Nesse sentido, os ambientes virtuais de aprendizagem podem se tornar também espaços de individualizar e sujeitizar o educando.

A educação a distância ou presencial pensada como uma educação para e na liberdade, favorece a participação livre e crítica dos educandos, pelo diálogo, respeitando-os, ao mesmo tempo em que os desafia, vivendo a dicotomia entre ordem e desordem.

A liberdade precisa, ao mesmo tempo, de ordem, de desordem e, sobretudo, de uma organização que possa desenvolver uma ordem de qualidade superior (regras, regulações) e uma desordem de qualidade superior (liberdades). – zonas onde não entrem a lei do poder e o poder da lei. (MORIN, 2002, p.228).

No entanto, a liberdade, a libertação, o perceber-se no mundo, o emergir, não pode se limitar ao espaço da aula, ao convívio coletivo, nem à reflexão sobre o mundo e ações.

A libertação demanda a ação transformadora sobre a realidade objetiva em que os homens se acham oprimidos, portanto, desumanizados. Mas, como não há

autêntica reflexão sem ação e vice-versa, ambas, em última análise indicotomizavelmente, constituem a real práxis dos homens sobre o mundo, sem a qual é impossível a libertação. (FREIRE, 2001a, p.118).

A educação para e na liberdade intenciona a tomada de consciência dos educandos em relação à situação social em que vivem, modificando, pela reflexão, suas ações no mundo. Portanto, a educação para a liberdade, pensada pela Educação Bimodal, não se resume a libertar os alunos e alunas do quadro e giz, pensando em tecnologias, mas em possibilitar que percebam o mundo, se percebam como sujeitos, para que se libertem, em harmonia com seus parceiros, da massa em que estão imersos, presos, e comecem a se perceber em um grupo de sujeitos que pode agir sobre o mundo, mundo esse que está sendo construído.

Ao falar em um mundo que está sendo construído, lembro de tantos professores e professoras que ao preencherem o quadro, para que os alunos e alunas copiem, em silêncio, avisam que o mundo já está pronto, que devem ficar calados, apenas copiando o pronto, sem questionar, sem refletirem dialogicamente. E muitos alunos e alunas assistem em silêncio a morte de um mundo, pois se pronto, está morto. Esses alunos e alunas se adaptam ao mundo, não o modificam, não interagem, não fazem história, como dizia Paulo Freire, se limitam a ficar em contato com o mundo, como os animais, tornam-se a-históricos e a-temporais.

3. Aprender Como Ação Dialógica Para a Consciência

Ao percebermos a vida presente no mundo, em nós e nos outros, mergulhamos em nossa realidade criticamente, tomando consciência dela e do mundo em movimento. Para Freire (2000a, p.112) “Não há conscientização sem a tomada de consciência, mas nem toda tomada de consciência se alonga obrigatoriamente em conscientização.” A conscientização exige rigorosa compreensão da realidade, consciência de si e dos outros como seres que existem e são, enquanto estão sendo, sujeitos que tem história e fazem história, sendo, portanto, históricos. Articulando com a tomada de consciência discutida por Piaget (1977), podemos tomar consciência de um objeto, de seu funcionamento e de sua lógica, mas sem perceber a necessidade da nossa mobilização e

responsabilidade para com os outros e o mundo, centramos a nossa atenção no funcionamento do objeto em si. Portanto, precisamos da tomada de consciência discutida por Piaget, mas precisamos além dela, do movimento de conscientização trazido por Freire.

Ao fazer história, estamos fazendo mudanças, agindo nelas e por elas, e o querer mudar é apenas tomar consciência, não é ser consciente. Ao ser consciente, nos tornamos seres de práxis, de ação e reflexão, pois constatando, refletimos para mudar, não para nos adaptarmos. A mudança implica rupturas, lentas ou bruscas do que parece acabado e pronto.

Implica em um novo enfrentamento do homem com a realidade. Implica ad-mirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a ad-mirá-la, ganhando assim uma visão crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implicação uma “apropriação” do contexto; uma inserção nele; um não ficar “aderido” a ele; um não estar quase “sob” o tempo, mas no tempo. (FREIRE, 2001b, p.60).

Para “ad-mirarmos” a realidade em sua totalidade, torna-se necessária que a educação seja um ato de conhecer, não um puro ato de transferência. Ela deve ater-se não apenas à “leitura da palavra”, à “leitura do texto”, mas também à “leitura do contexto”, à “leitura do mundo” (FREIRE, 2001b). É preciso torná-la um ato vivo e não morto, pois a vida inspira cor, alegria, curiosidade, caminhar, mudar, respirar, pulsar, movimentos... diferentes a cada novo instante... Que não se repetem, mas, se (re) criam.

Na educação, ao ensinar os conteúdos, torná-los vivos, contextualizados e articulados, contribuimos para que o estudante tenha condições de conhecer, de “ad-mirar”, para então, mudar o mundo. Para Freire (2000a, p.120) “O educando conhece na medida em que, apreendendo a compreensão profunda do conteúdo ensinado, aprende.” O educando aprende quando se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, podendo assim, reinventá-lo. Ele também aprende pelo erro, refletindo sobre as suas escolhas, certezas e dúvidas, possibilitando uma nova ação no mundo. Ao aprender, ele é capaz de usar o aprendido-apreendido em situações existenciais concretas, sentindo-se desafiado a mudar.

4. O Professor Libertador e a Professora Libertadora

Para Freire (1992), a captação de conteúdos, num processo de transferência, extensão, não possibilita, àqueles que os captam, que deles tenham um verdadeiro conhecimento. É um dar-se conta deles e não ainda conhecê-los. Esse dar-se conta, ou a percepção da presença dele, não significa o “adentramento” neles, que resultaria na percepção crítica dos mesmos, na apreensão. Assim, é necessário pensar em momentos de educação que tenha trocas, debates e não discursos, aula com o aluno e não aula para o aluno; aulas que possibilitem criação, recriação, buscas, erros e reinvenção ao incorporar novos saberes, ao “ad-mirar” o conteúdo.

O fato do professor ou professora (re)aprender o conteúdo em comunicação com os educandos significa colocar-se na condição de aprendiz, percebendo-se inacabado(a). Assim, no diálogo, na comunicação, o educador (re)aprende em comunicação com os educandos, vivendo uma tensão permanente entre a autoridade e a liberdade.

O professor libertador nem manipula, nem lava as mãos da responsabilidade que tem com os alunos. Assume um papel diretivo necessário para educar. Essa diretividade não é uma posição de comando, de faça isso ou faça aquilo, mas uma postura para dirigir um estudo sério sobre algum objeto, pelo qual os alunos reflitam sobre a intimidade de existência do objeto. Chamo essa posição de radical democrática, porque ela almeja a diretividade e a liberdade ao mesmo tempo, sem nenhum autoritarismo do professor e sem licenciosidade dos alunos. (FREIRE; SHOR, 2000, p.203).

O professor libertador é habitante dos espaços de aprendizagem e do mundo, atento a tudo e a todos, comunicando de forma inteligível em busca do entendimento comum. A expressão, seja ela escrita, verbal ou gestual, usada pelos sujeitos da comunicação, tem de ser percebida dentro de um quadro significativo comum aos parceiros. Se não há este quadro significativo comum, ou “terreno comum”, não há compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação e, por conseguinte, a aprendizagem.

No movimento dialógico, o educador ou educadora, em alguns momentos também irá, além de comunicar, informar, no entanto, ele ou ela informa a partir de uma problematização do

conteúdo em torno do qual irá oferecer esta ou aquela informação. E estas informações não são acabadas, mas passíveis de serem investigadas com e pelos estudantes, ou seja, o diálogo não se encerra ao informar. Afinal, o que se deseja é uma cabeça bem feita e não uma cabeça bem cheia que reproduza a educação bancária.

Uma cabeça bem cheia é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que dê sentido. Uma cabeça bem feita significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas e; princípios organizadores que permitem ligar os saberes e lhes dar sentido. (MORIN, 2001, p.21).

A aprendizagem pode se tornar uma ação libertadora, dialógica e consciente, quando o educador(a) ensina muito bem os conteúdos da sua disciplina, conectados a um todo maior, ao mesmo tempo em que desafia o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica da qual também é parte.

Considerações Finais

A Educação Bimodal, pensada numa perspectiva de educação para a liberdade e para a consciência, é constituída a partir da criação de ambientes virtuais, materiais impressos, vídeos, em diálogo com o contexto de quem irá usá-los, não limitando o poder de expressão dos educandos, de criatividade e cuidando para não massificar ou domesticar. Pensando nos estudos de Paulo Freire, podemos dizer que os textos (escritos, imagens, hipertextos, vídeos) para a Educação Bimodal devem: I) corresponder à realidade concreta dos educandos; II) ser discutidos em verdadeiros seminários dialógicos, “molhando-os” na realidade dos educandos, e não simplesmente lidos/assistidos/clicados para responder questões lançadas pelo professor ou professora que os criou, satisfazendo apenas a seus interesses; III) funcionar como elementos motivadores aos educandos para que comecem eles mesmos a criarem textos. IV) impulsionar movimentos de práticas diferenciadas nos espaços onde vivem e trabalham.

Na Educação Bimodal, os diferentes materiais devem ser menos “palestrados” e mais comunicados, ou seja, devem ser mais comunicação do que extensão, mais movimento dialógico de aprender e de ensinar. Devem ser dinâmicos, vivos, coloridos, sempre convidando para o diálogo curioso, questionador; de pergunta e não apenas de resposta; de criação e não de cópia; de fala, de gestos, de olhares, de sentimentos, enfim, de vida e de aprendizagem, “molhados” com rigor, alegria e tecnologias.

Os materiais e espaços criados para educar devem provocar um movimento de emersão dos educandos ao estudar, para que se percebam parte de um mundo que está sendo, se fazendo. Para Freire (2000b, p.57) “É percebendo e vivendo a história como possibilidade que experimento plenamente a capacidade de comparar, de ajuizar, de escolher, de decidir, de romper.” Ou seja, é importante pensar no estabelecimento do diálogo e da educação para e na liberdade e para a tomada de consciência do mundo. Por isso, precisamos criar materiais, espaços e movimentos de educação que promovam o questionamento e a compreensão da realidade, de diferentes realidades, sobre o nós no mundo, tornando o objeto do conhecimento, um objeto de transformação do mundo.

É a práxis deste movimento dialógico que pode mobilizar professores e professoras a romperem com a passividade, percebendo-se educadores, usando tecnologias que favorecem a comunicação e a aprendizagem, educando em processos de educação mais híbridos, não ficando apenas em contato com o mundo, integrando-se a ele, sendo mundo. É no diálogo da educação presencial com a educação a distância que podemos constituir uma Educação Bimodal, pensada como ação para a liberdade e a consciência.

Referências

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Traduzido por Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 93p.

_____. **A educação na cidade.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000a. 144p.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000b. 134p.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001a. 176p.

_____. **Educação e mudança**. 25 ed. Traduzido por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. São Paulo: Paz e Terra, 2001b. 79p.

_____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2001c. 120p.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001d. 158p.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução por Adriana Lopez. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 224p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3 ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 128p.

_____. **Ciência com consciência**. 6 ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 350p.

PIAGET, Jean. **A tomada de consciência**. Tradução por Edson Braga de Souza. São Paulo: Melhoramentos, 1977. 211p.